

a espia de oppenheimer
daniel pinto



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

**EM MEMÓRIA DE ZÉLIA CRUZ.
DESCANSA EM PAZ, AVÓ.**

«A vida é como um romance, ninguém faz ideia
do que vai acontecer até virar a página.»

SIDNEY SHELDON

«Todos os espões precisam de sentir
que são amados.»

BEN MACINTYRE

NOTA DO AUTOR

Em agosto de 1942, os Estados Unidos da América e a Grã-Bretanha iniciaram um programa de pesquisa e desenvolvimento que visava produzir a bomba atômica — o Projeto Manhattan. E, receando que a Alemanha nazi se antecipasse, foi dada luz verde à Missão Alsos, cujo único objetivo era travar o desenvolvimento científico dos alemães.

Assim, nos últimos meses da guerra, uma equipa constituída por militares, cientistas e oficiais de inteligência localizou e tomou controlo dos locais que os alemães usavam para desenvolver a bomba atômica, apoderou-se de ficheiros secretos e de todo o tipo de equipamento e levou cientistas sob custódia.

No dia 23 de abril de 1945, uma unidade da Missão Alsos, chefiada pelo tenente-coronel Boris Pash, arrombou uma porta trancada que selava a entrada de uma caverna na encosta de um penhasco, em Haigerloch, no Sul da Alemanha. No interior foi descoberto o local mais avançado do projeto alemão para a bomba atômica e, posteriormente, capturado o físico galardoado com o Nobel da Física, Werner Heisenberg.

Como sabemos, esta descoberta permitiu travar os esforços alemães e possibilitou aos Aliados tornarem-se nos primeiros a desenvolver a bomba atômica e, conseqüentemente, a vencer a guerra.

Tudo isto faz parte da História, e eu apenas coloquei a seguinte pergunta: como foi que a unidade chefiada por Boris Pash deu com uma caverna na encosta de um penhasco, no meio de nenhures?

O que se segue é ficção, porém as seguintes páginas poderão andar perto da verdade...

CAPÍTULO UM

Beirute, Líbano

Claus Beitel estava sentado no Chez Delacroix, a beber um *Negroni* e a mentir educadamente a Geneviève Não Sei das Quantas, enquanto a noite caía. O som da rua e a ondulação das ondas do mar eram abafados pelo tilintar dos copos e pelo murmúrio das vozes. Verdade fosse dita, ele sempre preferira o clima *haute cuisine et grand vin*, mas o Chez Delacroix era o melhor que se conseguia arranjar naquele início de ano de 1945.

Diante de si, Geneviève — uma libanesa, nascida em Marselha, sorridente e bem jeitosa. A pele em tons de azeitona, bonita, inteligente e solteira. Até ao momento, consistia na sua prioridade número um.

— Posso pagar-te outra bebida? — inquiriu Beitel.

Ela ostentava um relógio de ouro no pulso e um colar proveniente do mesmo material. O vestido custava o dobro do salário mínimo de um funcionário público e o sorriso tinha sido comprado com a última comissão que recebera.

— Ainda só bebeste duas — insistiu.

— E foram suficientes.

— Que aborrecida — retrucou Beitel, levando o copo aos lábios. — Deixa este *amigo* pagar-te mais um copo.

— Agora somos amigos?

— Podíamos ser mais do que isso, se tivesses aceiteado o meu pedido de casamento.

— Quantos é que já fizeste?

— Três — contou Beitel pelos dedos de uma mão. — Posso fazer-te outro aqui, se isso te fizer mudar de ideias.

— És um querido, mas dispenso. — Geneviève mudou de assunto. — Quando é que vais regressar a Berlim?

Se Deus quiser, nunca mais!, pensou Beitel.

— Em breve — acabou por dizer.

Beitel sorriu, engolindo a patranha que acabara de passar. A verdade era que regressar à capital alemã estava fora de questão. Não havia lugar à mesa para um desertor. Sim, pois era mesmo isso que Beitel era — um *herr* desertor. Evidentemente, nunca o sonhara vir a ser. Todavia, quer tivesse sido pelo destino ou pela falta dele, Beitel vira-se metido numa embulhada de todo o tamanho. E tudo porque — numa noite como outra

qualquer — percebera que o seu país estava condenado. A Alemanha nunca iria vencer a guerra: o Exército Vermelho, a leste; os britânicos, a norte; os franceses, a ocidente; os americanos, a sul e sudoeste, norte e noroeste. O Reich estava cercado e, a cada vez que o Sol se punha, ia ficando reduzido a pó e pedra, poeiras e cinzas, destroços e cadáveres. Beitel, temendo pela própria vida, reunira informações ultrassecretas e decidira trocá-las por asilo. Estava convencidíssimo de que os Aliados não o recusariam, dada a natureza daquilo que possuía — o Protocolo Reich de Mil Anos.

Assim, ali estava, na cidade onde os americanos e os britânicos tinham fama pelas suas operações com desertores. Exemplo disso fora Erich Vermehren, em finais de 1943, quando um tal Nicholas Elliot, acompanhado pelo fiel e leal amigo Kim Philby, decidira levar Vermehren para Londres em troca do livro de códigos da Abwehr.

Enquanto aguardava pela extração, Beitel decidira aproveitar as maravilhas que Beirute possuía, incluindo os *cocktails* alucinantes e as mulheres deslumbrantes — curiosamente, as duas coisas que o seu contacto lhe pediria para evitar a todo o custo e que Beitel não tencionava cumprir nem por um bocadinho.

— O meu hotel fica aqui perto — disse ele, pousando a mão na perna de Geneviève. — Dois minutos.

— E por que haveria eu de me dar a tanto trabalho por apenas dois minutos?

— Não foi isso que quis dizer. — Beitel deslizou a mão, afagando-lhe a coxa. — Receio que precisaremos de mais do que dois minutos.

Ela riu-se, revirou os olhos e fugiu-lhe de vista.

— Vai sonhando.

Para Beitel, o mais sensato teria sido regressar ao hotel sozinho, aguardar na segurança do seu quarto pelo dia seguinte e preparar-se para a extração. Todavia, a rejeição provocou nele um episódio de carência e fê-lo pedir um segundo *Negroni*, um terceiro, um quarto e um quinto. Quando a visão já lhe pregava partidas, deu por si a fitar uma mulher que tinha acabado de entrar. Parecia uma quarentona, de camisa justa no peito, calças enfiadas por dentro de um par de botas militares e cabelo escuro. Poderia ser uma acompanhante de luxo ou uma agente secreta hostil. Beitel não tinha como saber. Recordou-se, num instante, que tinha recebido instruções para evitar aquele tipo de mulheres. Contudo, no instante seguinte, ela já caminhava na sua direção, a corresponder ao seu olhar.

O sorriso derreteu-o tão facilmente como o sol derretia um pedaço de

caramelo, e ele convidou-a a sentar-se. Ela encostou-se junto a ele, sussurrou-lhe malícias ao ouvido e percorreu-lhe o interior da coxa com uma das mãos. Conversaram em alemão e segredaram um ao outro como dois cúmplices, até que ele a convidou para passarem a noite juntos. Invariavelmente, o pobre Beitel descobriria, dentro de momentos, que esse seu convite lhe anteciparia o encontro com a morte.

CAPÍTULO DOIS

Beirute, Líbano

A distância de uma ligeira curva situava-se um robusto edifício de pedra. A fachada tinha já visto melhores dias — torrada pelo sol e enegrecida pela chuva. Os três pisos colocavam-no a igual nível das construções em redor e, pelo simples facto de se encontrar na esquina da grande avenida, tinha vista privilegiada para a baixa da cidade. A estatueta, o pilar quadrangular decorado com um grande relógio, as árvores que o circundavam, as ruas que culminavam todas naquele lugar, qual *Arc de Triomphe*, qual Paris do Médio Oriente.

Do último piso era possível constatar o esboço da cidade a desvanecer-se, lá longe, no mar, onde dois homens espreitavam por uma janela aberta. Um deles estava um pouco irrequieto, quiçá nervoso ou ansioso, e ajeitava constantemente as mangas do casaco amarrotado. O outro confundir-se-ia com uma estátua, se não estivesse por trás da sua figura de um metro e setenta e cinco um dos espiões mais brilhantes do seu tempo. O cabelo grisalho, os olhos claros como duas esferas de cristal, o rosto por menorizado que dava impressão de ter sido esculpido à mão. Na vida tinha já experienciado a sua quota-parte de incidentes, tal como tinha sofrido uma dose de ataques pessoais, violentos e grotescos. Fora espancado por homens da Gestapo e por um triz não perdera a vida num quartel-general da Abwehr. A morte passara-lhe ao lado na margem de um lago coberto de gelo, numa densa floresta alemã, e escapara somente com ligeiros arranhões a uma perseguição letal nas ruas de Londres. Entre os colegas do Office of Strategic Services — os serviços secretos americanos — era visto como uma lenda viva. Para os restantes era Simon Clifford.

— Não costumava estar nervoso — disse ele. Os tiques do subdiretor do Office estavam a perturbá-lo. — O que se passa?

— Eu não estou nervoso — retrucou Michael Brown, passando a mão pelo bigode farfalhado. Depois, fitou os ponteiros do seu pequeno relógio de pulso. — Quanto tempo falta?

— Não mais do que aquele que esperámos até este instante.

— Estou com um mau pressentimento quanto ao nosso homem.

— *Herr Beitel?*

— Quem é que haveria de ser? — Michael espetou-lhe o olhar, fumegando. — Receio que ele não tenha sido suficientemente discreto. Se bem te recordas, não podemos chamar a atenção de ninguém.

— Isso não vai acontecer.

— Esta cidade parece um barril de pólvora prestes a explodir.

— Nenhum de nós será a faúlha, Michael.

O subdiretor suspirou.

— Os guerrilheiros, os insurgentes, os radicais islâmicos, os nazis, os russos...

— Os conspiradores — interrompeu-o Simon. — *Acreditas realmente* nessa história?

— Qual história?

— Vá lá, Michael, não te faças desentendido.

— Que o nosso homem se juntou a um complô, numa tentativa desesperada de derrubar Hitler, fazer as pazes com os Aliados, derrotar a ameaça do Leste, criar um Estado alemão democrático e libertar os judeus?

— É *essa* a história.

— Se é verdade, tudo não passou de um grande fiasco — respondeu Michael. — Os conspiradores foram executados. O Beitel, vá-se lá saber como, conseguiu escapar.

— E agora tenciona dar-nos informações em troca de proteção. — Simon relançou o olhar para lá da janela. — O nosso homem ainda não regressou ao hotel.

— Achas que ele ainda vai demorar?

— Apesar de eu ter duas bolas, nenhuma delas é de cristal.

Nesse instante surgiu movimento na rua.

— Por falar no diabo... — murmurou Michael, observando Claus Beitel a ziguezaguear pela porta fora do Chez Delacroix. — E o sacana está acompanhado. Maldito seja! Disse-lhe, vezes sem conta, que não se relacionasse com ninguém.

Com ligeireza, Simon trocou o lugar à janela pelo *hall* do andar seguro.

Do bengaleiro retirou um cachecol e pousou-o sobre o pescoço. Dadas as circunstâncias, o plano precisava de sofrer uma ligeira alteração.

— Vou lá abaixo.

— Não é aconselhável — impôs-se Michael.

— Vou dizer-te algo a respeito dos conselhos. — Simon ajeitou o casaco. — Se fossem assim tão bons, ninguém os dava. Vendiam-se.

— Quinze minutos. — O subdiretor deu o braço a torcer.

— Não me atrasarei.

— E se isso acontecer?

— Bem, significa que alguém me capturou ou assassinou. Nesse caso, podes enviar uma nota de condolências à minha família e estar presente no funeral. E quero um funeral e peras, ouviste?

— O teu péssimo sentido de humor não é para aqui chamado.

Simon retirou a *Smith & Wesson* .38 do cós das calças, verificou o tambor, conferindo as balas, e voltou a guardá-la. Bateu com a porta, desceu até à rua e deixou-se ser engolido pelo *glamour* exótico da cidade. Na sua cabeça esperava apenas que Claus Beitel não se tivesse metido em nenhuma alhada.

CAPÍTULO TRÊS

Beirute, Líbano

A insurreição envolveu Simon num abraço apertado e caloroso. Mas sobretudo apertado. A rua estava mergulhada num tumulto, qual alvoroço. O ajuntamento de protestantes, calculou Simon, reunia milhares de libaneses. Alguns entoavam canções nacionalistas, a mão no peito, a voz firme. Outros hasteavam bandeiras, esbracejando-as bem no alto. Aqueloutros confrontavam as forças autoritárias britânicas e francesas, que tentavam impor a ordem sem aparente efeito.

Ao princípio, Simon viu apenas jovens — era a geração que tencionava recuperar o Líbano, expulsar os colonizadores europeus e governar mediante a lei islâmica. De pele cor de azeitona, barba pontiaguda e cabelo comprido, a maioria dos rapazes atirava objetos contra as montras das lojas, contra os vidros dos carros e contra a fachada dos edifícios. Porém, à medida que se embrenhou no levantamento popular, apercebeu-se de que, no seio dos manifestantes, havia um pouco de tudo. Homens e mulheres, velhos e novos, rapazes e raparigas, até crianças.

Toda aquela situação, como bem sabia, tinha tido início cinco anos antes.

— Beirute não será como outro destino qualquer — alertara-o Michael Brown, semanas antes. — As insurreições tiveram início há quase cinco anos.

— Contexto, por favor.

— O Líbano, sob o mandato francês, viu-se ser ocupado pela Alemanha nazi, cujo objetivo era penetrar no Médio Oriente e alcançar os poços de petróleo.

— Audazes.

— E idiotas — explicara o subdiretor. — Os libaneses não reagiram lá muito bem à invasão.

— Eu também não teria reagido.

— O descontentamento popular originou uma frente nacionalista que, através de eleições, chegou ao poder. O recém-eleito presidente, Bishara al-Khuri, trouxe, por sua vez, medidas drásticas para a mesa, como a eliminação de vestígios dos povos colonizadores e a aplicação da lei islâmica.

— Dois lados tão bem-intencionados, nem sei qual deles escolher...

— Isso é porque ainda não conheceste os russos — prosseguiu Michael. — Quando o governo de al-Khuri se preparava para aprovar a nova legislação, os franceses reforçaram a autoridade que ainda exerciam sobre o país e evitaram qualquer mudança no sistema político.

— Deixa-me adivinhar, os libaneses revoltaram-se.

— Ora nem mais.

E, naquele instante, Simon experienciava a revolta na pele, enquanto seguia no enalço de Claus Beitel e da mulher que o acompanhava. O alemão estava podre de bêbado, todavia era a mulher quem mais preocupava Simon. Claramente, não era libanesa, nem tão-pouco francesa, dado que essas tinham um jeito muito próprio de caminhar e de mover as ancas. De igual modo, também não lhe parecia britânica, nem americana.

Aqui há gato, matutou Simon, detendo-se junto de um lampião que alumia a rua. Inclinada e apoiada no lampião, erguia-se uma escada. O acendedor estava a fumar um cigarro, porém parecia ter mais qualquer coisa na boca.

— Pedi-te para não dares nas vistas, Jason. — Simon falou como quem pedia indicações a um local, assim que o acendedor desceu a escada. — Estás a acender esse lampião há vinte e três minutos.

— Quem está a contar?

— E, por favor — Simon lançou um olhar para o chão —, apanha esses papeizinhos. Tens *mesmo* de mascar rebuçados a toda a hora?

Jason Walker, do seu metro e oitenta, fitou-o.

— Queres *mesmo* realizar uma avaliação de desempenho? — O sotaque britânico contrastava radicalmente com o de Simon. — Era suposto esperares no andar seguro.

— Era suposto que o nosso homem não se relacionasse com ninguém.

— É apenas uma mulher.

— Nesta cidade, nada é o que parece. — Simon apontou para a figura feminina, que, entretanto, colocara um braço sobre o pescoço de Beitel. — Olha para o jeito dela. Não é de cá.

— Não devias olhar para as outras mulheres. Tenho de te lembrar de que és casado? — Walker desvalorizou as suspeitas. — Além do mais, quem é que não aprecia uma boa companhia?

— Tu, aparentemente.

— O que estás para aí a dizer?

— Eu vi as duas *meninas* saírem do teu quarto, no final da noite passada.

— Estiveste a espiar-me?

— É o meu trabalho. — Simon focou-se de novo na mulher. — Ela está sob o controlo da oposição.

— Não sejas pessimista.

— Preciso de o ser, assim evito desilusões.

A brisa do mar fez esvoaçar partículas de árabe vindas do protesto. Simon e Jason Walker seguiram a direção do vento, encurtando distâncias para os dois amantes. Por sorte, um arremesso lançado pela insurreição passou-lhes ao lado.

— Lembra-me — praguejou Walker —, por que motivo aceitei colaborar contigo novamente?

— Porque o *herr* Beitel diz ter em sua posse informações acerca do último grande plano de Hitler.

— Aqueles documentos com um nome todo pomposo — anuiu o inglês. — Protocolo Não Sei o Quê...

— Reich de Mil Anos.

— Protocolo Reich de Mil Anos — repetiu Walker, embocando um novo rebuçado de mentol. — A que assuntos dirá respeito?

— Não sei, mas tenciono descobrir.

— Protocolo Reich de Mil Anos... — murmurou Walker. — Soa-me a

um nome inventado por algum escritor de romances para cativar os leitores a comprarem o livro.

— A mim, soa-me a problemas.

Após ultrapassar um pequeno palanque, de onde um grupo de manifestantes pedia a libertação do Líbano, Simon voltou a atenção para o alvo. Claus Beitel e a mulher tinham parado diante de um hotel. Não era nenhuma pousada, dir-se-ia, mas também não havia cinco estrelas que refletissem a qualidade do mesmo. Resumidamente, tratava-se de um local simples e barato para se pernoitar temporariamente. Quarto arejado, carpete varrida, cama lavada. Era o que era, pensou Simon enquanto os observava.

Nesse instante, a mulher direcionou Beitel para o átrio e ficou um pouco para trás.

— O que é que ela está a fazer? — quis saber Walker.

A resposta surgiu no minuto seguinte, quando os olhos dela caíram sobre uma mota com *sidecar*, que acabara de estacionar do outro lado da rua.

— Uma *Ziündapp KS 750* — Simon identificou a marca e o modelo —, de fabrico *alemão*.

— Por outras palavras — murmurou Walker, refutando a insinuação —, uma coincidência.

Ato contínuo, a mulher trocou um olhar demasiado cúmplice com o homem que estava ao guiador da mota.

— Queres retificar a tua opinião, Jason?

— Não, obrigado. Até eu trocaria um olhar daqueles com uma mulher assim, sabes?

No instante seguinte, o homem saiu da mota sem sequer se dar ao trabalho de esconder a pistola que empunhava.

— *Mauser C96* — identificou Simon —, de fabrico...

— *Alemão*. — Walker fitou o céu. — Os nazis descobriram que o nosso homem tenciona desertar.

— Ah, sim?

— Vieram impedi-lo.

— És tão esperto, Jason. Isso ainda não me tinha passado pela cabeça.

E, então, Simon sacou da *Smith & Wesson* e avançou na direção do átrio do hotel. Admiravelmente, não sentia medo algum, apenas a sensação de que alguém estaria prestes a morrer.

CAPÍTULO QUATRO

Beirute, Líbano

Ajanelinha do quarto dava para as traseiras, pelo que as cortinas costumavam estar quase sempre corridas. Era um velho truque do ofício da hotelaria — o que não se via, não se desgostava. Havia quadros pendurados nas paredes, um cabide e uma placa fixada no lado de dentro da porta, onde se lia «NÃO INCOMODAR». A decoração era francamente reles: o papel de parede às riscas descolado nas extremidades, a alcatifa com mosaicos de há cem anos, a cama retrogradamente alta. E o ruído, constatou Claus, era um outro problema. No piso de cima parecia que alguém estava a dançar sapateado. No quarto adjacente, um par de foliões divertia-se como Beitel idealizara divertir-se.

Infelizmente, o destino — ou lá o que isso fosse — tinha outros planos para o pobre Beitel. E o próprio o descobriu, quando foi metido debaixo de água fria, enquanto recuperava o tino e observava a mulher, que entretanto lhe dissera chamar-se Lora Vogel, apontar-lhe uma pistola de mão.

— Pensei que estivesse interessada em mim — lamuriou Beitel.

— Pelo que vejo — ela apontou o cano da pistola para as cuecas dele, bastante salientes —, caíste que nem um patinho.

— Ainda podes reverter o rumo disto tudo.

— Receio que a vida não funcione dessa forma. — Lora tocou-lhe com o cano da pistola entre as pernas. — Não sei porquê, mas estou com vontade de apertar o gatilho.

— Podes apertar outra coisa.

— Quem te dera. — Lora riu-se e voltou-lhe as costas, após desligar a água do chuveiro. Depois, encarou-o seriamente. — Sabes que nome se dá a pessoas como tu? — Não o deixou responder. — Desertor. És um desertor, Claus Beitel.

— Não sei nada acerca disso. — Quer fosse pelo frio ou pelo medo que sentia, ele chocalhava. — Estás a confundir-me com outra pessoa.

Lora arqueou uma sobrancelha.

— A confundir-te?

Ele assentiu, hesitante.

— Não me tentes enganar — ripostou Lora, sentando-se na beira da cama, sem nunca deixar de mirar o desertor. — Tu chamas-te Claus Beitel, trabalhas na Chancelaria e, se não me engano, entras ao serviço daqui a cinco horinhas.

Beitel estremeceu, vendo uma partícula de loucura no olhar da mulher.

— *Não...* — balbuciou.

— Ainda não acabei. — Ela levantou-se e colou o seu corpo ao dele, falando-lhe ao ouvido. — Também sei que tens acesso a informações ultrassecretas, que roubaste um dossiê importantíssimo e que o tencionas entregar aos Aliados. — O cano da pistola dançava sobre o peito de Beitel. — O que foi que eles te prometeram?

— Nada, ninguém me prometeu nada.

— Então ainda é pior do que eu pensava. — Lora deu um passo atrás, bailando desajeitadamente. — Estás a fazer *isto* de livre vontade.

— Não sei nada acerca disso.

A voz de Beitel ia perdendo convicção e, pelos vistos, Lora apercebeu-se disso, não fosse pelo murro violento que lhe desferiu no rosto. Os olhos de Beitel encheram-se, imediatamente, de lágrimas, a bochecha incendiou-se.

— Estás a fazer-me perder tempo — disse Lora com frieza. — Onde é que está o dossiê?

— Não sei nada...

Subitamente, um estrépito ensurdeceu o quarto.

Lora tinha acabado de enfiar uma bala no joelho de Beitel. Ele gania em dor.

— Por favor...

— Vou perguntar-te outra vez. — Ela afagou-lhe o rosto com a mão. — Diz-me onde é que está o dossiê e eu não te farei sofrer.

— Eu não...

Um novo estrépito.

Um novo disparo.

— Está bem, está bem, está bem... — Beitel, caído no chão, agarrava ambos os joelhos. Com muito custo, apontou o indicador. — Debaixo da cama.

Lora manteve a arma em riste, enquanto levantava o edredão que caía até ao soalho. Às apalpadelas, apoderou-se de um dossiê castanho e pôs-o sobre a cama.

— Protocolo Reich de Mil Anos — disse de si para consigo, lendo o que estava escrito na primeira folha. No instante seguinte voltou-se para Beitel. — Não custou assim tanto, pois não?

Amedrontado, sentiu-a aproximar-se.

— Deixa-me ir embora, por favor...

Beitel sentiu o olhar tresloucado da mulher incidir-lhe, enquanto a

via erguer a mão livre. Imitava uma pistola e sorria, de forma tão alegre como ausente. Depois fez de conta que premia o gatilho, estremeçando com a sua alma.

— Foi um prazer, Claus Beitel.

Lora contornou-o, a pistola numa mão, o dossiê na outra. Preparava-se para abrir a porta, quando se voltou rapidamente para trás. Com a arma em riste, disparou uma única vez.

Quanto a Claus Beitel, não se chegaria a saber se conseguiu escutar o disparo que lhe impôs um fim abrupto à vida. A única certeza era que jazia morto, na cama de um quarto de hotel, numa cidade mergulhada no caos.

CAPÍTULO CINCO

Beirute, Líbano

Lora Vogel pousou a pistola e o dossiê na mesinha de entrada e deu, então, início a uma série de tarefas básicas que um assassino necessitava de realizar para se assegurar de que nada era deixado ao acaso. E foi ao cadáver de Claus Beitel — que Deus o tenha — que se dirigiu primeiramente. Posicionou-o no centro da cama, de barriga voltada para baixo. Desse jeito, a empregada de limpeza — se houvesse uma naquele hotel — iria pensar que o hóspede ainda dormia e não o incomodaria. Em seguida pegou numa velha ventoinha, que estava arrumada ao canto do quarto, e pousou-a em cima de um móvel. Posicionou-a na direção do corpo e, após um clique-claque, as hélices começaram a girar. Lora sabia que, assim, a polícia não conseguiria determinar com exatidão a que horas ocorrera o crime. O chão foi, então, passado a pente fino, em busca do invólucro da bala que ela disparara. Recolheu-o com um lenço de bolso, atirou-o para a sanita e descarregou o autoclismo. Quando a água voltou a encher o depósito, Lora descarregou-o novamente. Por fim, enfiou o dossiê debaixo do braço, escondeu a pistola o melhor que conseguiu e afixou a placa «NÃO INCOMODAR» no lado de fora da porta.

O trabalho estava feito, pensou, caminhando pelo estreito corredor. Todavia, longe estava de ficar concluído. Aquele dossiê, sabia ela, precisava de chegar a Berlim e ao cofre de Hitler. Para tal, ela e o seu parceiro, que vigiava a entrada do hotel, tinham de sair de Beirute o mais depressa

possível e atravessar metade da Europa sem que nada de terrivelmente mal lhes acontecesse.

Nesse instante, um calafrio percorreu-lhe o corpo.

Lora foi surpreendida por uma figura ímpar, ao fundo do corredor. Não media mais do que um metro e setenta e cinco, tinha o cabelo grisalho, os olhos claros e o rosto pormenorizado. Fitava-a com tamanha curiosidade, enquanto erguia suavemente uma *Smith & Wesson* de trinta e oito milímetros.

Mas Lora antecipou-se e abateu-o.

CAPÍTULO SEIS

Beirute, Líbano

— **S**egue-os, segue-os! — disse Simon, a bordo do *Rover* que o Office lhes disponibilizara. — Cum caraças...

— Passaram-nos a perna, foi o que foi — retrucou Walker, cravando o pé no acelerador.

— Devias ter neutralizado o parceiro dela.

— Era só o que faltava, colocares as culpas em cima de mim.

Simon estreitou os olhos, vendo os fugitivos contornarem as ruas e afastarem-se da linha do mar.

— O homem que, supostamente, deverias ter vigiado está, neste momento, a liderar a fuga — constatou o americano. — Não estou a colocar as culpas em cima de ti, estou a apresentar factos.

— Sendo assim — Walker guinou o volante, seguindo furiosamente a mota —, permite-me apresentar também alguns factos. Quem é que quase foi morto a tiro, há instantes?

— Ela apanhou-me desprevenido.

— Estavas outra vez a olhar para as pernas dela?

Simon revirou os olhos e respondeu:

— Quando me deparei com ela, os meus olhos caíram sobre um dossiê castanho. Essa é que é essa!

— Que bela desculpa.

— Era o Protocolo.

Nesse momento, Walker fitou-o como se tivesse visto um fantasma.

— O nosso homem não mentiu...

— Cuidado!

O berro de Simon levou Walker a focar-se novamente na estrada.

Os fugitivos tinham abalroado uma tabanca que estava, agora, no meio da estrada. Reagindo instintivamente, Walker pressionou o pedal do acelerador com toda a força que tinha, provocando uma chiadeira descomunal nos pneus que já fumegavam. Uma guinada à direita e outra à esquerda fizeram exceder as capacidades do veículo, originando uma perda de tração.

— Vamos capotar — alertou Simon, perfurando o forro da porta com as unhas.

Contudo, como que por milagre — se tais existissem —, o *Rover* recuperou a aderência e, movimentando-se como um chicote, acabou por se endireitar.

Simon largou, por fim, o apoio da porta.

— Não nos mates — pediu ele.

— Isso não vai acontecer.

— Eu não tenho assim tanta certeza.

— Já consultaste o número de ingleses que faleceram, vítima de acidentes rodoviários, em Beirute?

Simon não tinha troco.

Haviam ultrapassado os limites da cidade e, a cada metro percorrido, embrenhavam-se no deserto libanês. Moviam-se como relâmpagos numa noite escura. Nisto, a luz vermelha do travão da mota, diante deles, acendeu-se.

— Estão a mudar de direção — disse Simon.

— Eu também consigo ver.

A *Zündapp* virou à direita e, por alguns instantes, desapareceu de vista. Walker acelerou até à esquina e, enquanto as luzes da cidade se perdiam no retrovisor, deslizou na direção que os fugitivos haviam tomado. Agora, a mota encontrava-se a cerca de duzentos metros.

— Ele é rápido — observou Simon.

— Eu sou mais.

— Não sejas tão convencido, Jason.

— *Confiante*.

Diante deles, a estrada abria as areias do deserto e a mota perdia-se no horizonte.

— Pensei que fosses mais rápido do que *ele*.

Walker cerrou o maxilar, levando o carro até ao limite das suas capacidades. Por essa altura, o motor começou a sufocar. Ao lado, Simon fechava

os olhos, suspirando, pedindo algum milagre. Depois de voltar a abri-los, ergueu o olhar para a estrada, que parecia não ter fim. A cerca de oitenta quilómetros ficava a fronteira. Do outro lado, Damasco, Aleppo, o deserto sírio e, invariavelmente, Bagdade.

— Mais depressa — pediu.

— É o que estou a fazer.

Simon estreitou as pálpebras, procurando a mota no horizonte. Contudo, tal como o Protocolo Reich de Mil Anos, a luz traseira da mota tinha acabado de desaparecer.



SEGUNDA PARTE

MANGA-LARANJA E RUM

CAPÍTULO SETE

Beirute–Londres

Foi o *concierge*, cuja alma nunca viria a recuperar do susto, quem encontrou o corpo de Claus Beitel, após ter ignorado o aviso de «NÃO INCOMODAR» e ter entrado no quarto para verificar se algo de errado se passava com o hóspede. Apavorado, contactou a Gendarmerie e aceitou prestar todos os depoimentos e mais alguns. E, quando se viu livre das obrigações legais, fez as malas e partiu para bem longe, ou assim diziam aqueles que o conheciam de ginjeira.

Os gendarmes libaneses — habituados a cenários daquele género, não tivesse a luta pela independência já originado uns quantos — dirigiram-se prontamente ao local do crime. O quarto, à exceção do estrangeiro baleado à queima-roupa, estava imaculado. Não havia sinais de luta, nem janelas partidas, nem qualquer outro indício que demonstrasse que a porta havia sido forçada ou arrombada. Invariavelmente, a conclusão — que não tardou a chegar — foi bastante óbvia.

A vítima conhecia o assassino.

Dessa feita, procurou-se reconstruir as últimas horas de Claus Beitel — tarefa razoavelmente fácil, dado que a vítima não se esforçara nem um bocadinho para manter a discrição. Ora, segundo o livro de registos, Beitel dera entrada há não mais do que dois dias, e tencionava ficar por pouco tempo. Pelos vistos, de uma forma ou de outra, alguém lhe fizera a vontade. E era também sabido que na véspera tinha sido visto no Chez Delacroix, um bar a cerca de dois minutos do hotel.

Tomando essa informação como ponto de partida, os gendarmes deram, então, início à típica e demorada série de interrogatórios. Foram abordadas dezenas de civis que costumavam frequentar o dito bar: funcionários do hotel, hóspedes mal-encarados, pedestres que caminhavam pelas redondezas, sem-abrigo desnutridos, humildes funcionários públicos e clientes assíduos. Curiosamente, a única informação que dizia respeito a Beitel veio de uma tal Geneviève, que alegou ter estado à conversa com a vítima antes de a mesma ter saído na companhia de uma mulher mais velha. Quando questionada em relação à descrição da mesma, Geneviève foi mais do que precisa — andaria pela casa dos quarenta, tinha o peito robusto, o cabelo escuro e usava botas militares.

A mulher foi considerada, de imediato, como a principal suspeita e

passou para o topo da lista de prioridades. Entre os gendarmes, que não dispensavam a cavaqueira, foi apelidada de *femme fatale* e um perito em ilustrações fez-lhe um retrato a carvão. A imagem, difundida pelos restantes gendarmes e, por sua vez, pela cidade, não tardou em dar frutos. Ao final da manhã, um agente — que na noite anterior servira à paisana — disse ter visto a mulher no hotel onde o estrangeiro fora assassinado. Se bem se recordava, tinha desaparecido de vista numa mota com *sidecar* conduzida por um homem. Rumores, acrescentou ele, diziam que a mesma mota tinha sido avistada para lá das montanhas, perseguida a alta velocidade por um *Rover* com um condutor e um passageiro a bordo.

A informação prometedora encheu os gendarmes de esperança. Todavia, dada a escassa alocação de recursos para o departamento de homicídios, pouco mais foi possível ser feito. Uma rusga na região montanhosa estava fora de questão, e uma parceria com o governo sírio nem se colocava em cima da mesa. O caso, dado como arquivado, foi então apresentado às altas patentes como um absoluto fracasso. E, naturalmente, acabou por chegar aos ouvidos dos britânicos e dos franceses que, sem demora, se dispuseram para colaborar. Numa primeira fase, por uma questão de honra e orgulho, os libaneses declinaram educadamente a oferta. Contudo, viriam a aceitá-la pouco tempo depois, dada a inexplicável persistência britânica.

— E, por favor, *habibi*, esqueça o assunto — foi o que um adido da embaixada disse ao diretor da Gendarmerie.

USUALMENTE, OS CASOS FICAVAM ESTAGNADOS NAS ÁRIDAS prateleiras da embaixada durante longos meses. Todavia, Claus Beitel e a sua atribulada passagem por Beirute aterraram diretamente no número 54 da Broadway, em Westminster. O prédio — sujo e forrado com janelas de vidro fosco — pertencia aos serviços de inteligência ingleses, embora uma placa de latão afixada à entrada o tentasse negar. Tratava-se do segredo mais bem guardado de toda a Grã-Bretanha, conhecido apenas pela maioria dos taxistas e por quase todos os guias turísticos. E foi nesse preciso local que os primeiros grandes avanços tiveram lugar.

Uma breve consulta à lista de funcionários do Partido Nazi identificou Claus Beitel. Ao que tudo indicava, atuava sob as ordens de Heinrich Himmler e, de acordo com uma nota de rodapé redigida por uma alemã que passava informações aos ingleses, estivera envolvido na conspiração falhada para derrubar Hitler. Mas o que teria levado *herr* Beitel a atentar

contra a vida do *führer*? E o que estava ele a fazer em Beirute? No seio dos serviços de inteligência, os ingleses ficaram-se pela explicação mais lógica:

— *Herr* Beitel receava ser preso pelo seu envolvimento na conspiração. Cá para mim, reuniu informações ultrasecretas e partiu para Beirute na esperança de as trocar por asilo.

Porém, colocou-se uma nova questão: mas para onde é que Beitel tencionava desertar? A verdade era que os ingleses não tinham nenhuma operação em curso e, como era do conhecimento de todos, os franceses não tinham jeito nenhum para esses assuntos. A exclusão de partes levou a que as suspeitas caíssem sobre os norte-americanos. Mas teria o Office sido capaz de orquestrar tamanha operação sem informar os primos? Quando se descobriu que, de facto, essa fora a realidade, ecoou pelas paredes dos serviços de inteligência ingleses a frase mais britânica possível: *An enormous lack of bloody respect*, dizia-se. *Uma falta de respeito dos diabos*.

O assunto poderia ter caído no esquecimento, todavia, numa corriqueira manhã chuvosa, o primeiro-ministro pediu que se descobrisse quem tinha chefiado tamanho fracasso. E então, enquanto os nazis sofriam um ataque violento no Vístula, Michael Brown — o subdiretor do Office — foi convidado para uma reunião com o primeiro-ministro. Vá-se lá saber como, Churchill já tinha conhecimento do Protocolo Reich de Mil Anos e receava que o pior estivesse para acontecer.

CAPÍTULO OITO

10, Downing Street

Na vida existiam apenas duas coisas tão certas como a morte — os impostos e a habilidade de Michael Brown para escapar ao desemprego. A sua mais recente proeza, conforme a apelidava, tinha caído sobre os colegas de trabalho como um golpe de teatro, qual *coup de grâce*. Num dia, Michael subia e descia a impiedosa montanha-russa que era a vida e, no seguinte, estava tranquilamente sentado na posição de subdiretor do Office — a pedido do presidente Roosevelt.

O anúncio surgira silenciosamente. Tão subtil como o manejar de uma agulha, tão ousado como uma aposta num cavalo perdedor. Logo depois tivera lugar o comunicado, a primeira reunião e, indispensavelmente, a discreta festa. Esta tivera lugar num fim de semana como outro qualquer,

num lugarejo cujo nome era difícil de ser pronunciado. Todos os amigos, colegas e conhecidos do seu atribulado passado tinham marcado presença: as lendas da espionagem, os políticos litigiosos, os negociantes de armas controversos e até os escritores de romances de espionagem, por mais aborrecidos que fossem.

Após o sucesso obtido na operação que culminara com o Dia D, fora destacado para a capital inglesa. Habitara-se a Londres como o bicho-da-seda se acostumava a um novo casulo — estranhou, mas entranhou. E agora, sob o forte pé-d'água que caía, estava ao volante do seu novo *Coupé*, a atravessar a ponte de Westminster e a curvar à direita para a Parliament Street, onde acabou por estacionar.

Correndo por entre os pingos da chuva, estacou diante do início de Downing Street. Uma sentinela conferiu as suas credenciais e, de sobrolho arqueado, autorizou-lhe a passagem. Quando deu por si, estava a bater à porta do número 10, onde uns quantos fotógrafos lhe lançaram as objetivas até perceberem que não se tratava de nenhum famoso, nem de nenhuma amante.

Um laçao abriu-lhe a porta. Chamava-se Piers, se Michael não estava em erro. Era um daqueles homens que usavam o relógio de pulso voltado para baixo, e não gostava que lhe perguntassem porquê.

— Bom-dia, senhor Brown. O primeiro-ministro tem estado a aguardar a sua chegada com tamanha ansiedade.

Michael anuiu, entregando o casaco e o chapéu.

O chão, de mármore axadrezado, conduziu-o até uma secção onde uma dezena de homens e três raparigas estavam a trabalhar. A maioria de uniforme, os restantes à civil. Falavam num tom pesaroso, como se alguém tivesse morrido e, além de escrevinharem com uma pressa dos diabos, ainda atendiam os telefones ao primeiro toque.

— Espero que tenha feito uma ótima viagem.

— Muito agradável — mentiu Michael.

— Folgo em sabê-lo — replicou Piers. — Como é do seu conhecimento, a agenda do senhor Churchill é demasiado flexível. — Depois acrescentou, em tom de confiança: — Há pouco, a senhora Bessie Braddock, da oposição parlamentar, apareceu sem aviso, exigindo uma reunião com o senhor primeiro-ministro.

— Compreendo. Onde quer que eu aguarde?

Nesse instante, a porta do gabinete foi aberta de rompante. Uma mulher de largas proporções, que usava um vestido horrível às florezinhas, guinchava para o interior:

— Winston, você é um bêbado! — dizia ela, num tom agudo. — E, digo-lhe mais, é porcamente bêbado.

— E você é feia. — A voz de Churchill ecoou pelo corredor. — E, para que saiba, daqui a pouco eu já não estarei bêbado, mas a Bessie continuará porcamente feia!

A mulher corou e virou costas à discussão o mais depressa que o seu volumoso corpo lhe permitiu. Michael conteve um sorriso e, a medo, seguiu Churchill, que, surpreendentemente, se foi enfiar na casa de banho.

— Entre, homem! Está à espera de quê?

Uma baforada de ar quente engoliu Michael, que, de um momento para o outro, tinha no seu campo de visão um cenário tremendamente caricato. Churchill estava estendido na banheira, com um charuto na mão e um copo de *brandy* pousado numa pequena mesa de fácil acesso.

— O Partido Trabalhista, em vez de direcionar os esforços para a guerra, está mais interessado em alimentar conflitos políticos internos — desabafou Churchill, expelindo uma nuvem de fumo para o ar, enquanto chapinhava na banheira como uma criança pequena. — Mas não o quero maçar com estes assuntos, meu caro amigo. — Em seguida colocou a boca ao nível da água e fez bolhas. — Já agora, que trapalhada foi aquela em Beirute?

Michael, hesitante, acabou por sentar-se na sanita.

— Bem, Beirute não correu da melhor...

Mas Churchill ergueu a mão.

— Espere aí — interrompeu-o e, depois, vociferou na direção da porta. — Piers!

O criado entrou.

— Chamou-me, senhor primeiro-ministro?

— Se aqui está, é porque sabe que o chamei. — Revirou os olhos. — Piers, receio que a água da minha banheira tenha arrefecido. Importa-se de tirar a limpo as minhas suspeitas?

Abrindo a gaveta de um pequeno armário, Piers pegou num termómetro e, ato contínuo, mergulhou-o na água. Instantes depois analisou o resultado como se estivesse a observar uma prova recolhida do local de um crime.

— Parece-me que tem razão, senhor. A temperatura caiu para os trinta e nove graus.

— Então, volte a aquecê-la até aos quarenta.

— Com certeza — respondeu Piers, abrindo a torneira da água quente.

Um sorriso abriu o rosto de Churchill, que educadamente dispensou o criado.

— Estávamos a conversar sobre Beirute — dirigiu-se, assim, a Michael.
— Prossiga, meu caro amigo.

Um pouco relutante, o subdiretor do Office lá acabou por abrir o jogo, revelando-lhe uma carta de cada vez. Informou-o acerca de Claus Beitel, do Protocolo Reich de Mil Anos, do pedido de asilo e do terrível desfecho da operação. Confidenciou-lhe ainda que o lendário Simon Clifford e o assassino inglês Jason Walker, cujas pazes fizera com a Grã-Bretanha, tinham perdido de vista a dupla responsável pela morte de Beitel — uma mulher na casa dos quarenta, mas bastante atractiva, e um homem que seguia ao guiador de uma *Zündapp* com *sidecar*.

— Nunca mais foram vistos — concluiu Michael.

— E as informações?

Michael engoliu em seco.

— Devia ter partilhado o teor da sua operação com os meus serviços — advertiu Churchill, dando um longo gole na bebida. — O Elliot e o Philby foram bem-sucedidos em Beirute, há uns anos.

— Não me leve a mal, senhor primeiro-ministro, mas eu não vou com a cara do Philby.

— Como queira... — Churchill enxotou o ar com a mão. Depois sentou-se direito, a água a cair-lhe pelo corpo como uma cascata. — O teor do Protocolo Reich de Mil Anos está a preocupar-me profundamente. Hitler está de cabeça perdida e sabe Deus que loucura cometerá para evitar a derrota.

— Se me permite, não creio que a preocupação deva ser tanta — continuou Michael, ignorando o desagrado de Churchill perante aquela afirmação. — O Dia D foi um sucesso e os russos também não se saíram nada mal.

Michael referia-se à Operação Bagration, a grande ofensiva russa, que fora batizada em honra de um príncipe georgiano que morrera a combater as tropas de Napoleão. Sim, Estaline carregara a operação de simbolismo. Além de ter agendado o primeiro assalto para o dia 22 de junho — exatamente três anos após o início da invasão alemã —, também dera ordens ao marechal Rokossovsky para que as divisões de tanques e blindados abrissem velozmente caminho pelos pântanos de Pripet, lembrando, em jeito de provocação, o brilhante avanço alemão através das Ardenas.

— Na altura — Michael riu-se —, estupefacto, Hitler não quis crer que os russos haviam colocado madeira sobre os pântanos sem que a espionagem alemã tivesse reparado.

— Não quero saber disso para nada! — interrompeu-o Churchill. — A

Alemanha, embora fragilizada, continua tão perigosa como no início da guerra. Quer que lhe lembre que assumimos publicamente que capturaríamos Berlim em dezembro de 1944? Pois bem, aqui estamos nós, em janeiro de 1945, e ainda nem sequer atravessámos o Reno.

Após o desembarque dos Aliados na Normandia, recordou Churchill, a Alemanha não ficara apenas a assistir ao desenrolar dos eventos e, como resposta, redobrou os esforços nas fábricas. Por outras palavras, forçara os escravos enclausurados nos campos de concentração a trabalhar dia e noite. O resultado fora uma maravilha de se ver: tanques, aviões, armas, mísseis. Os Aliados responderam à escalada e, lançando paraquedistas para trás das linhas alemãs, iniciaram operações de sabotagem. Por sua vez, a astúcia da Alemanha não se deixara ficar. Um batalhão de homens capturara apenas um paraquedista e torturara-o até este se desfazer dos segredos que carregava. Nos dias que se seguiram, ainda os paraquedistas não tinham avistado os campos de aterragem e já haviam sido metralhados.

— Hitler não se vai render — disse Churchill, firme como uma pedra. — E eu receio que esse Protocolo diga respeito a um ataque devastador, perpetrado por um homem desesperado.

— Estaremos preparados para todas as eventualidades.

Churchill revirou os olhos.

— Nunca subestime o inimigo — replicou. — Lembre-se de que, uns dias após o Dia D, enquanto o mundo celebrava o desembarque dos Aliados, Hitler ordenou que fossem lançados milhares de mísseis *V-1* sobre Londres. Perderam-se quase dez mil vidas.

— Mas os mísseis *V-1* deixaram de ser um problema — replicou Michael. — Devido ao alcance limitado, só podem ser disparados a partir da costa francesa e, neste momento, os nossos homens controlam todo esse território. Se mais mísseis *V-1* fossem lançados, receio que não chegassem a atravessar o Canal da Mancha.

— O mesmo não pode ser dito em relação aos *V-2*, pois não, meu caro amigo?

Michael nada disse. Como bem sabia, a mais recente evolução dos foguetes alemães podia ser disparada a partir de uma longa distância. Porém, tinha as suas falhas.

— Os *V-2* são imprecisos — apressou-se a dizer. — E, além disso, não aparentam fiabilidade nenhuma. A maior parte dos foguetes lançados explode no ar ou cai a pique de forma descontrolada.

Churchill lançou uma nova nuvem de fumo.

— Foi esse exato motivo que me levou a rezear profundamente o conteúdo do Protocolo Reich de Mil Anos. — Ele bateu com o punho no bordo da banheira. — Temo que as informações ultrassecretas digam respeito a uma arma mais potente.

Michael arregalou os olhos.

— *Mais potente?!*

CAPÍTULO NOVE

10, Downing Street

Churchill trocara a nudez por um fato às riscas, folgou Michael ao observar o primeiro-ministro a entrar no escritório. Felizmente, cansara-se do banho e pedira-lhe que prosseguissem a conversa num local mais apropriado. Não obstante, um tabuleiro com bebidas tinha sido colocado na extremidade da mesa de reuniões. O primeiro-ministro encheu o seu copo com mais *brandy* e preparou um martíni com azeitonas e cebolinhas em vinagre para Michael, enquanto fez um gesto na direção de algumas capas de jornais.

As primeiras páginas eram semelhantes, quais cópias. Um ataque alemão, protagonizado pelo temível foguete *V-2*, atingira Paris, causando danos perto da Porte D'Italie. Nas semanas seguintes, outros tantos se seguiram, em cidades como Lille, Tourcoing, Arras e Cambrai. Em Antuérpia, o icónico Cine Rex também havia sido alvo de ataque, assim como o centro das cidades de Liège, Hasselt, Tournai, Mons e Diest. Os números apontavam para dois mil mortos e para mais de quatro mil feridos. E depois havia a secção apenas para a Grã-Bretanha. Um *V-2* caíra na Staveley Road, em Chiswick, assassinando a senhora dona Ada Harrison, de sessenta e três anos, Rosemary Clarke, de três anos, e Bernard Browning, dos Royal Engineers. Os ataques originaram milhares de perdas de vidas. O rasto de destruição, em cidades como New Cross, Norwich ou Ipswich, era prova disso.

— Londres esteve sob intensos ataques. — Churchill pigarreou. — Porém, estes terminaram, dado que os serviços de inteligência orquestraram uma artimanha. De forma intencional, fizeram os alemães saber que os *V-2* estavam a ultrapassar a capital e a cair no meio de nenhures. Desconhecendo o engodo, os alemães redirecionaram os *V-2* e estes começaram a cair na periferia da cidade. Estão convencidos de que Londres